



EDUCAÇÃO E CONDIÇÕES MATERIAIS DA EXISTÊNCIA: UMA LEITURA SOCIOLOGICA DA VOCAÇÃO SACERDOTAL

Vol. 1 nº 2 jul./dez. 2006

p. 33-56

João Virgílio Tagliavini

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: o autor procura fazer uma leitura sociológica do processo de inculcação da vocação sacerdotal e da obrigatoriedade da perseverança nela. O texto é fruto de uma pesquisa de mestrado em sociologia em que ainda é analisada a instituição total de educação dos futuros padres, o seminário.

Palavras-chave: vocação religiosa, educação e condicionamento, igreja, seminário.

Abstract: The author tries to do a sociological reading of the process of inculcação of the priestly vocation and of the obrigatoriedade of the perseverance in her. The text is fruit of a mestrado research in sociology in that the total institution of the future priests' education, the seminar is still analyzed.

Key Words: religious vocation, education and conditioning, church, seminary.

Este artigo é fruto de uma parte de minha pesquisa de mestrado¹ mas é também autobiográfico. No mestrado em Sociologia na Unicamp eu apresentei a dissertação *Garotos no túnel*: um estudo sobre a imposição da vocação sacerdotal e o processo de condicionamento nos seminários. O trabalho foi feito em duas partes: a primeira tratou da vocação sacerdotal e a segunda de uma instituição total chamada seminário menor. Depois de muitos anos e de uma revisão, estou apresentando neste texto os resultados da primeira parte do trabalho. Ele é fruto de uma pesquisa que demandou quatro anos de leituras, reflexões, conversas e quarenta e sete entrevistas analisadas de maneira qualitativa. É também autobiográfico porque eu percorri pessoalmente, como coroinha vocacionado, seminarista menor e maior e padre, todas as etapas do “despertar vocacional”. Tendo deixado o ministério sacerdotal e ingressado na universidade como docente, hoje reconheço toda a grandeza e os méritos de tal experiência, pela qual passaram tantos e tantos outros educadores neste Brasil afora. Contudo, esse reconhecimento não me exime de tentar fazer uma leitura sociológica dessa experiência.

Aqueles que não acreditam na tese do materialismo histórico de que é a *existência material que determina a consciência*, podem talvez aceitar a tese do filósofo espanhol Ortega y Gasset, segundo a qual o homem é *ele e suas circunstâncias*. Ao afirmar “*eu sou eu e minhas circunstâncias*”, Gasset dá destaque à bipolaridade do *eu* e do *mundo*. Se as circunstâncias são importantes para a compreensão de cada homem, não se pode esquecer de sua individualidade, de seu *eu*. Não pensamos em uma relação de exterioridade dos dois termos, mas em uma relação dialética: somos, ao mesmo tempo, criadores das circunstâncias e seus produtos. Se não somos determinados, somos, ao menos, *condicionados* pela realidade que nos cerca e por nós introjetada no processo de socialização, principalmente a socialização primária. Segundo o *interacionismo simbólico*, o homem acaba desejando exatamente o que a sociedade exige dele. A antropologia e a sociologia, para definirem o homem, debatem-se com os conceitos de liberdade, determinação, destino, fatalidade ou plano de Deus. Para compreender o homem teríamos de responder a essas indagações.²

O sociólogo se propõe a revelar o contexto social que produz a vocação, toda vocação. O religioso faz a leitura das circunstâncias como sendo providência divina para cumprir o seu plano. Nossa proposta aqui não é a de negar a fé, mas de respeitá-la. No entanto, procuramos desempenhar o papel de estudar as circunstâncias que levam o indivíduo a responder desta ou daquela forma, a seguir este ou aquele caminho.

“Deus chama aqueles que ele quer para o seu serviço: é a vocação sacerdotal. Ele mesmo os escolhe: é a eleição divina”. Este é o discurso religioso-eclesiástico acerca da reprodução social e função dos agentes qualificados de tempo integral na igreja católica. São os padres, religiosos e religiosas que põem em funcionamento e reproduzem pela evangelização, catequese e administração a instituição eclesiástica. Entretanto, para a sociologia, as explicações religiosas assumidas e proclamadas pelos crentes podem não corresponder ao que, no fundo e de fato, acontece³. Uma idéia importante e fecunda na sociologia das religiões é a de que os motivos sociais das crenças e práticas religiosas, o modo real como essas crenças e práticas agem sobre a sociedade, tudo isso permanece geralmente oculto para o crente. No lugar dos motivos sociais, o crente e sua instituição tendem espontaneamente a produzir explicações a respeito da gênese, estrutura e funções da própria religião que reforçam esse ocultamento da dimensão histórico-social de suas próprias crenças. A dimensão cultural da religião, enquanto produto da sociedade, é escamoteada em benefício de uma explicação teológica, com base nas causas sobrenaturais. Não que essa atitude seja deliberada com intuito de esconder a realidade. É uma explicação espontânea do crente, que não se percebe fruto de uma determinada cultura e de circunstâncias precisas⁴. Não apenas o indivíduo-crente, mas a própria instituição religiosa, em geral, ao desconhecer os moti-

vos, as estruturas e funções sociais que a geraram, produz uma explicação de si mesma de acordo com as tradições, intenções e situações dos crentes. É verdade que a instituição, muitas vezes, mesmo conhecendo os mecanismos geradores da fé nos seus seguidores, é capaz de continuar a manipulá-los de acordo com os interesses econômicos, políticos ou sociais dos seus dirigentes ou financiadores.

A sociologia das religiões, portanto, não se satisfaz com o discurso dos fiéis e das instituições. A sociologia suspeita de que haja uma rede de interações sociais bem distintas e muito mais complexas do que a auto-imagem dos crentes. É a dimensão social que está oculta para o crente. A sociologia desconfia, portanto, da explicação espontânea e compartilhada que os fiéis e seus pregadores oficiais dão de suas próprias crenças, de sua organização e dos fins que afirmam perseguir. Entre os fiéis e seus pastores pode haver uma forte convivência. Parece que, por uma espécie de pacto implícito, o pregador desperta a fé no crente que sustenta a crença do pregador.

Não se trata de uma suspeita, uma desconfiança de cunho moralista e anti-religioso por parte da sociologia em relação às questões relativas à crença e práticas de fé. Trata-se da desconfiança, da suspeita do cientista, que pensa que a explicação profunda dos processos sociais não se encontra na superfície dos fenômenos, nos discursos, mas nos subterrâneos desses mesmos fenômenos, desses mesmos discursos. Este é o papel da sociologia das religiões: *“reconstruir a dinâmica social que se encontra por trás da ‘auto-imagem’ das instituições religiosas, procurando elaborar uma explicação adequada das características das crenças e práticas religiosas no meio de seu contexto social específico. Explicar o social pelo social”*.⁵

Tratar a religião nesse nível não é uma atitude de profanação do iconoclasta, que se compraz em destruir templos, altares e imagens. É apenas a tarefa do cientista que, mesmo sendo crente, suspende provisoriamente suas opiniões pessoais, para elaborar melhor o seu trabalho do ponto de vista sociológico⁶. Para ele a religião é estudada como fenômeno social e é, portanto, socialmente produzida, situada, limitada, orientada e estruturada e com influência sobre a sociedade em que se encontra.

Em contraposição ao discurso religioso da igreja católica que propaga a vocação sacerdotal como chamado divino e a perseverança na vocação como correspondência à graça, sustentamos, numa perspectiva sociológica, que o despertar vocacional é fruto do meio social e a perseverança uma consequência do processo de condicionamento desenvolvido nos seminários.

Este texto é também autobiográfico. Sou descendente de imigrantes italianos e portugueses do começo do século, família católica tradicional e praticante, nascido em Matão, uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, regida pelas festas e celebrações religiosas. Desde a infância me interessei pelas coisas de Deus e, quando era coroinha, aos onze anos de idade, fui “chamado” para o se-

minário menor. Após treze anos de isolamento do mundo, fui ordenado sacerdote, exercendo o ministério, como vigário, com gosto e dedicação integral, numa pequena paróquia, no interior do Estado de São Paulo, durante sete anos. Sempre questionando as razões de minha vocação e contestando a organização disciplinar da igreja católica em relação à vida dos padres, após uma rica e frutífera experiência junto à sua comunidade paroquial resolvi deixar o ministério e, por ter sido já professor de sociologia no seminário durante cinco anos, optei pelo magistério, como fez grande parte dos colegas que passaram pela mesma experiência, ingressando no mestrado em ciências sociais. Aceitando sugestões de pesquisadores da igreja no Brasil que apontavam para uma lacuna de conhecimentos na área, familiarizado com o tema e movido pelos próprios questionamentos, a escolha recaiu sobre o tema da vocação sacerdotal e o seminário. Com dificuldade, muitas vezes, de ser imparcial por estar tão envolvido com o tema, eu fiz um grande esforço para conseguir um distanciamento do objeto, realizando o processo de estranhamento que permitisse maior objetividade. A demora em concluir o trabalho, e, conseqüentemente, as várias redações de cada texto e mais alguns anos para rever o trabalho para essa publicação ajudaram-me nessa tarefa de maior isenção emotiva, pois eu fui ficando cada vez mais distante da instituição e da experiência anterior de vida. Posso dizer também que meu trabalho foi uma espécie de acerto de contas com o passado. Às vezes foi indignação, mas nunca rancor. Esse aspecto, não ao sabor dos cientistas sociais, será muito ao gosto dos que trilharam o mesmo caminho do seminário ou do sacerdócio e vão, com certeza, se encontrar nessas páginas. Alguns ex-seminaristas ou padres casados que leram esse trabalho em forma de dissertação afirmaram que se sentiram num divã, fazendo análise, lavando a alma, explicando o seu passado⁷.

A coleta de dados para este trabalho se iniciou quando, em 1985, ainda no exercício do ministério sacerdotal, me foi dada a tarefa de reconstituir as fases históricas de um seminário menor, na comemoração do seu cinqüentenário. Por se tratar de pessoal altamente qualificado (padres, bispos) e avesso a responder questionários, optamos pela entrevista aberta, mas orientada por um roteiro básico implícito de questões, onde era importante reconstituir a história da instituição nas suas fases de formação. Aliado à análise da instituição, o interesse girou sempre em torno da história pessoal, das origens da vocação, do ingresso no seminário e conseqüente perseverança de cada entrevistado. Neste aspecto, foi relevante para nós indagar a origem sócio-cultural dos entrevistados, se descendentes de imigrantes, oriundos da zona rural ou urbana, religiosidade e escolaridade da família, enfim, a descrição do meio social, da origem e da infância deles. Foi importante ainda saber a opinião dos entrevistados em relação a temas fundamentais para o objetivo do nosso trabalho: opiniões

sobre vocações sacerdotais e formação nos seminários; nesse item da formação, procuramos saber a visão de cada um sobre isolamento, obediência, disciplina, espiritualidade, estudos etc. Nesse sentido ainda, sempre que a direção da conversa permitia, foram colocadas questões sobre a formação na dimensão afetiva e sexual e quanto à opinião de cada um em relação à obrigatoriedade do celibato para os padres.

Pela amizade com os entrevistados, tive um grande sucesso na coleta dessas informações, que certamente seriam, em grande parte, sonegadas a estranhos. Isso aumenta minha responsabilidade e me obriga a conservá-los no anonimato. E retribuo suas informações com este trabalho que poderá servir a muitos para compreenderem melhor sua história.

O universo de entrevistados foi de quarenta e sete pessoas, assim distribuídas: vinte e cinco padres no exercício do ministério, um diácono às vésperas da ordenação sacerdotal, cinco padres afastados do ministério (ex-padres), um bispo, dois seminaristas e treze ex-seminaristas⁸. Há entrevistados dos vinte e dois aos oitenta e cinco anos de idade, o que nos permitiu uma avaliação das várias fases de formação do seminário. O número maior de entrevistados está na casa dos vinte anos (15) e dos trinta (15). O critério de escolha dos entrevistados não foi muito rígido. Procuramos sim, colher informações de muitos formadores de seminários, e, na variação das idades e das posições institucionais, abranger todo o arco de experiências. Gravamos trinta e uma entrevistas em fita K7; cinco responderam a questionários, dois enviaram depoimentos por escrito. Quanto às entrevistas restantes, em número de nove, as respostas foram anotadas no ato da entrevista.

O peso das entrevistas é de fundamental importância para a análise do tema, mas há inúmeras outras fontes preciosas de informação que se encontram detalhadas na bibliografia. O clero é portador de uma cultura letrada, sendo, portanto, fácil penetrar no seu mundo através de seus escritos, cartas pastorais, documentos pontifícios, catecismos, regulamentos, livros de oração, leituras piedosas etc. São textos que, à primeira vista, surgem diante de nós como sendo estáticos, inertes, acabados e arquivados. O que nos importa saber é “como eram lidos pelos internos”. Qual a função do metabolismo na assimilação daquelas idéias no próprio organismo? E isso é muito forte no caso do seminário. O conjunto dos dados obtidos é, segundo nossa opinião, quantitativa e qualitativamente muito importante. A pesquisa de campo foi um trabalho sério que durou quatro anos.

Além de outros autores citados na bibliografia, que usei como suportes teóricos, tenho que ressaltar, por uma questão de honestidade intelectual, dois nomes que me serviram de guia na análise do meu material, ajudando-me a interpretá-lo: Jean-René Chotard e Charles Suaud. Essa apresentação do autor e dos

objetivos do seu trabalho faz parte da honestidade científica, pois dessa maneira o leitor saberá perfeitamente quem é o seu interlocutor. O pesquisador é observado juntamente com seus companheiros⁹.

Vem e segue-me. Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é digno de mim! Qual foi o seminarista que nunca ficou amedrontado com essas palavras de Jesus, ditas geralmente em tom de ameaça pelos seus superiores? Para fazer uma análise sociológica do discurso religioso da igreja sobre vocação é preciso, em primeiro lugar, conhecer esse discurso. Para a igreja, a vocação é um germe, um dom, um chamado, depositado ou lançado por Deus a este ou àquele indivíduo, por privilégio. Como Abraão, Moisés, Isaías, Jeremias, Maria e os Apóstolos, o “vacionado” é um eleito de Deus, chamado para cumprir uma missão. A igreja, com o tempo, foi atribuindo a si o monopólio do chamado para seu serviço, ou seja, a reprodução do Corpus Sacerdotal; ela só chama os que podem satisfazer suas exigências, conforme seus interesses em cada época e lugar. Segundo sua tradição e a teologia que ela mesma criou, só a igreja é capaz de distinguir os sinais da vocação e, embora seja uma escolha divina, ela só se concretiza quando o Bispo chama o candidato ao sacerdócio.¹⁰ Embora necessite de ambiente religioso familiar propício, quem faz o apelo vocacional, pela primeira vez, é, em geral, um membro do clero, como nessa história paradigmática:

Um bispo, na sacristia de uma igreja, após uma ordenação sacerdotal, lá pelo ano de 1982, dirige-se a um coroinha muito assíduo às cerimônias e bastante ligado ao vigário local:

- Gustavo, você não quer ser padre ?

E o menino, entre surpreso e encabulado:

- Não sei ...

- E se o Cristo, pessoalmente, falasse para você: “Gustavo, vem e segue-me!” O que você faria ?

- Daí eu iria!

- Eu sou o Bispo, eu represento o Cristo. É ele quem está chamando você. VENHA!

Técnica perfeita usada na efervescência religiosa e sacerdotal, logo após uma ordenação, que pode produzir excelentes resultados. O padre promotor ou recrutador vocacional, portanto, aperta o cerco em torno de garotos já predispostos e motivados. É à igreja, aos homens, que compete discernir e escolher os que ela quer para o seu serviço. Em tempos de maior autoritarismo, como no patriarcalismo português ou brasileiro, dos séculos passados, cabia aos pais e ao vigário a decisão

sobre a vocação do filho. O vigário, revestido da sua suposta competência e autoridade em matéria espiritual, descobria a vocação: aos pais, como autoridade absoluta, competia impor ao filho o “caminho traçado por Deus”¹¹. No Brasil colonial, o primogênito sucederia o pai nos negócios da família, o segundo se dedicaria às letras e o terceiro seria destinado ao sacerdócio.

A mesma igreja que recusa muitos “vacionados” é a que vai à luta para conquistar novas vocações através do uso de todas as técnicas de propaganda, que ela chama de promoção vocacional. A exaltação da figura do padre na sociedade é uma das técnicas mais importantes no convencimento das famílias e dos próprios garotos. Eis algumas pérolas dessa propaganda:

- A igreja na nossa pátria não tem problema maior, mais grave, mais importante que o das vocações sacerdotais.
- Depois de Deus, o padre é tudo ... Deixai uma paróquia vinte anos sem padre e aí se adorarão os animais. (Santo Cura d’Ars).
- O padre é um anjo da guarda da nossa alma. Ele é a sentinela, o defensor da família, da sociedade e da pátria. Reza por ele e Deus te abençoará.
- Nada há tão sublime como o sacerdócio no altar, onde o padre torna-se o senhor do seu Criador, o senhor do seu Deus.
- Nada há tão grandioso como o sacerdócio; pois nas mãos do padre repousa a sorte do gênero humano.
- Vocação traída: um mundo em perigo. Um padre a mais: um mundo salvo.
- Não há civilização sem cristianismo: não há cristianismo sem igreja; não há igreja sem padre.
- Custear as despesas de formação de um sacerdote é fazer o melhor seguro para a vida eterna.
- Como o pulmão que precisa de ar para respirar, assim a igreja e a sociedade necessitam do sacerdote.¹²

Na zona rural, onde a influência da igreja católica se faz presente, os lavradores se reúnem quando o padre chega para a missa, casamentos e batizados. É ao redor da capela, que se instala a área de lazer: o campo de futebol, a cancha de bocha, a barraca da quermesse, o mastro de São João, São Pedro e Santo Antonio, uma pracinha e os bancos para os namorados. E, é claro, um botequim. A festa do padroeiro, com procissão, banda e quermesse, é o centro do ano nas comemorações do povo. Os compadres se encontram, negócios são feitos, arranja-se casa-

mento, é o dia da primeira comunhão, são as confissões, batizados, casamentos, bodas... Torna-se difícil participar da vida coletiva, ser social, sem ser católico praticante. E neste sentido, o padre é percebido e reverenciado como elemento que congrega e torna possível a vida social, o que pode despertar em muitos garotos, o desejo de ser igual a ele. Na fala dos entrevistados, há um importante destaque para a figura do padre, no despertar da vocação.

A figura do padre era muito importante. Ele era uma pessoa de destaque. Tipo assim: coisa sagrada! Alguma coisa distante, que se revestia de uma sacralidade, de uma pureza, também de uma perfeição. Não podia ser questionado, não podia ser criticado ou contestado. Eu via o padre como modelo e me sentia atraído pela beleza das cerimônias. (padre, 33 anos)

Além desse desejo de imitação, há ainda a linha colateral da genealogia sacerdotal: do tio para o sobrinho, entre irmãos e primos. O garotinho vê seu tio padre, vivo, ativo, bem-falante, muito cortejado e seu pai, um pacato trabalhador ... O tio o arrasta. Ele quer ser igual ao tio. Por causa do irmão mais velho ou do primo, também se vai para o seminário. Só na diocese que pesquisei há, pelo menos, quatro famílias sacerdotais ou religiosas. Quase todos os irmãos passaram pelo seminário ou convento de freiras e alguns chegaram a se consagrar. O caso mais visível é uma família com três irmãos padres e uma irmã freira.

Toda a propaganda de massa visa em primeiro lugar, a atingir os meninos e criar um clima favorável na comunidade e na família para o despertar de vocações. Visa, portanto, a criar uma consciência coletiva favorável, que funciona como reforço para os vocacionados, valorizando a imagem de si mesmos. A propaganda direta é feita pelo recrutador, promotor ou visitador vocacional, com palestras nas igrejas, nas escolas, distribuindo folhetos promocionais, com fotos de meninos alegres, ocupados nas tarefas e no lazer no seminário: o estudo, o futebol, a natação... Distribui-se um impresso a ser preenchido pelos possíveis interessados em ser padres. Esses meninos receberão correspondência e visitas, até o coroamento da missão: seu ingresso no seminário. Nos colégios católicos, com mais recursos e uma clientela cativa nas salas de aula, o trabalho de inculcação é maior, com palestras, orações, teatros, audiovisuais etc. Não nos esqueçamos aqui que, mesmo nos colégios católicos, só serão “cativados” os que já são cativos, porque sua família já se deixou conquistar pela igreja. Quando a criança for pobre, e geralmente o é, isso estará aliado ao desejo de ascensão social. O terreno fértil para lançar a semente é a cruzadinha eucarística, o catecismo e, em especial, o grupo de coroinhas. Para a igreja, a vocação religiosa começa na família. Para a sociologia, diríamos que o garoto é seduzido numa família que já fora, por sua vez, também seduzida pela igreja.

A história da minha vocação começa antes do meu nascimento. Minha vocação germinou no coração de meus pais que, desde o dia do casamento, desejaram ter um filho padre. É porque meus pais tinham uma alma sacerdotal, que a idéia de me tornar padre pode nascer em mim.¹³

Nesse ninho da família, a propaganda vocacional terá acolhida e se tornará eficaz. A ação persuasiva do clero se exerce sobre a família que é convidada a secundar os esforços da igreja na descoberta de vocações. Tendo por funções essenciais, além da reprodução biológica, a transmissão cultural e o controle ideológico, a família é instrumento privilegiado para cuidar do despertar e da perseverança da vocação. Os pais são convidados a serem cooperadores de Deus nessa tarefa. As famílias que não colocam nunca em casa a questão sacerdotal são acusadas pela igreja de praticarem a conspiração do silêncio. No lar, dois itens merecem destaque na tarefa de despertar vocações: uma técnica e uma figura. A técnica da oração e a figura da mãe. Peça fundamental no despertar da vocação é a prece familiar pelas vocações. Longas preces, onde há, invariavelmente a exaltação da figura do padre, se tornam fortísimos elementos de inculcação da vocação no filho pequeno que acompanha a reza, e se sente interpelado. Por se constituir um rito religioso de repetição cotidiana, no âmbito do grupo primário, na presença dos outros significativos, pai, mãe, tia, avó, estão aí reunidas as condições simbólicas e sociais, para que a prece familiar se torne um instrumento muito poderoso de manipulação das aspirações ao sacerdócio. Na família, a ação persuasiva do clero se dirige de modo todo particular às mães. Nesse sentido, é sugestivo o título de um pequeno opúsculo que exorta as mães a ajudarem a descoberta da vocação de seus filhos: *“O sacerdócio dos filhos no coração das mães”*.¹⁴ Muitos autores eclesiais fazem apelos às mães pois, antes de formar padres, precisamos suscitar mães de padres. *No céu um filho sacerdote será para vós, mães católicas o mais belo título de glória!*, dizem eles. Toda essa ênfase se dá, porque, em nossa sociedade, a mãe é, em geral, mais religiosa, sensível e mais ligada à criação e educação dos filhos. Ela descobre mais facilmente e pode abafar ou incentivar as primeiras manifestações de seu filhinho, como a inocente brincadeira de imitação de padre. Num reflexo da piedade maternal e familiar, em geral, num lar cercado de símbolos religiosos, o crucifixo, os quadros da Sagrada Família, Santa Ceia, Coração de Jesus, Coração de Maria, São José, Santo Antonio, São Benedito, Nossa Senhora Aparecida, Anjo da Guarda, São Domingos Sávio, São Luiz Gonzaga, o ramo bento, a vela votiva, nessa atmosfera beata, o menino vai, aos poucos, idealizando uma vida de acordo com essas crenças. Nas festas do padroeiro, ele estará ornamentado de anjinho, ou revestido com a túnica marrom, o capuz e o cordão franciscano de Santo Antonio.

O centro de todas essas manifestações religiosas, de todas as grandes ocasiões, para a comunidade local, é a figura do vigário, cuja atividade mais sagrada

e concorrida é a celebração da missa. O coroinha que gostaria de ocupar o centro desse palco, coloca sua túnica de ajudar o padre, ou na falta desta, um lençol amarrado ou um vestido da irmãzinha, arma uma mesa, com pedaços de pão, groselha no lugar de vinho, um copo ou uma taça por cálice, flores, velas, um velho livro, o cabo de vassoura por microfone, e, solenemente, reza sua missinha.

Ao lado de todas essas nobres razões religiosas, para o desabrochar da semente da vocação sacerdotal, pesa bastante também o desejo de ascensão social e a busca de segurança futura. Para as famílias numerosas e pobres, ter um filho padre, é garantia para o futuro. A mãezinha, muitas vezes sozinha e viúva, com toda a certeza, terá sua segurança, com o filho padre que não dividirá o seu amor com outra mulher. Na casa de seu filho padre, ela jamais será sogra, mas simplesmente mãe¹⁵. Como reforço a essa função da mãe do padre, há a associação do seu gesto de oferecer um filho ao altar, ao gesto de Maria, que ofereceu seu Filho para a salvação do mundo. Na oblação, Maria e a mãe do padre estão juntinhas. A mãe, no fundo, sabe que a doação não é total: o coração do filho padre, mesmo que seja um missionário distante, guardará a maior afeição dentre as criaturas da terra, para a sua mãe. É dentro dessa perspectiva que podemos compreender a atitude das mães, em relação aos seus filhos, que já estiveram no seminário. A mãe será, nas férias, a guardiã da perseverança de seu filho, protegendo-o contra o perigo das amigas femininas, isolando-o do contato com garotos de sua idade, fazendo-o evitar os trabalhos brutos, pesados, cobrando seus exercícios de piedade, docilidade e ternura, que em nossa cultura são coisas de mulher, e vão assim, aos poucos, feminilizando o seminarista. Esses valores são exaltados na literatura, colocada nas mãos dos garotos: São Domingos Sávio, Santa Terezinha do Menino Jesus, São Tarcísio ou São Luiz Gonzaga, que, desde a mais tenra infância, viveram a excelência de suas virtudes, principalmente a vida casta. Tudo isso reforça o desejo de perseverança do seminarista e assim a mãe não o perderá nunca.

Quando entra para o seminário, o garoto está cheio de grandes sonhos, de alcance universal: “conquistar o mundo para Jesus Cristo”, “Pregar o Evangelho sobre os telhados, por todo o mundo”, “Morrer para o mundo e servir a Cristo como sacerdote, imitando os santos”. No lugar de seu primeiro modelo de padre, portanto, vão surgindo os ascetas e os mártires para atrair sua simpatia e, em arroubos de generosidade, próprios da adolescência e juventude, o seminarista deseja ser um deles. Ele voa muito alto como neste testemunho ilustrativo:

Depois de ter lido a vida de São Domingos Sávio, que fazia tanta penitência e até dizia “Antes morrer do que pecar!”, e diante da orientação dos superiores de que nas férias, as tentações seriam maiores, eu resolvi fazer penitência, para afastar as tentações. Eu dormia sobre os pedaços de lenha, estendidos pelo chão, apenas com um lençol por cima. Acordava quebrado ... até que meu pai viu e me proibiu ¹⁶

Tais apelos para a dedicação total de alcance universal, estão presentes nos murais, nos grandes cartazes vocacionais, nas orações, nos cânticos, povoando o dia-a-dia do vocacionado. A mesma instituição que faz tais propostas e desperta tais sonhos e sentimentos se encarrega, ao longo dos anos de formação, de transformá-lo em um pacato vigário ou coadjutor, organizador de quermesses, ornamentador de altares e andores, construtor de igrejas, capelas ou creches, arquiteto e decorador da casa paroquial, técnico de som para manter os aparelhos da igreja, sitiante, pacificador dos conflitos de sacristia, artífice das brigas contra o poder local, doutrinador do catecismo, ameaçando os pecadores com o inferno, repetidor do evangelho, celebrante dos sacramentos. Além disso, vai benzer uma casa aqui, outra acolá, uma loja, um banco, faz de conta que expulsa um demônio, faz uma “cura” e vira benzedor ... Ou então, depois de ordenado, vira professor de geografia, latim, matemática ou boas-maneiras no seminário menor, padre disciplinar, ecônomo, chanceler da cúria ou secretário particular do bispo. No cotidiano, não há grandes vãos. É pelos caminhos da rotina que se anda. Mesmo os sonhos do idealista neo-sacerdote, serão podados aos poucos quando ele virar coadjutor ou participar da primeira reunião do clero.

Nos últimos anos de teologia, os candidatos ao sacerdócio, já estão mais preocupados com sua sobrevivência, em qual paróquia irão *tomar posse* (!), de quem serão coadjutores. Suas conversas giram em torno dos bordados e rendas da estola, da túnica, ou os enfeites da festa e uma frase de efeito para os convites. Mas quando jogam para o público, para as comunidades, o seu discurso é quase sempre o mesmo dos propósitos: dedicação exclusiva ao Reino de Deus; consagrados, deixaram tudo para abraçar a cruz e seguir a Jesus.

Os vigários, por sua vez, já fazem reuniões “políticas” para escolha de seus colaboradores, numa espécie de leilão de virtudes e defeitos dos próximos neo-sacerdotes. E os que “*estão acima dos Anjos*”, como diz a Escritura, precisam descer à terra dos homens ...

Ao lado da conquista da família e da exaltação da figura do padre, a igreja se servirá de inúmeros outros expedientes, para obter uma resposta positiva do garoto interpelado e assim poder executar o recrutamento para os seminários. Diríamos que são técnicas complementares na propaganda vocacional. As revistas e jornais católicos, que entram nas casas de família, como Família Cristã, Lar Católico, Jornal de Aparecida (O Santuário), Ave-Maria, Mensageiro do Coração de Jesus etc... trazem invariavelmente, algum fato ou artigo de exaltação do sacerdócio. Além de convites diretos para os jovens: “*Você também pode ser missionário!*”, “*Você não quer ser um dos nossos?*”... As escolas, por meio de suas aulas de religião, ou com portas sempre abertas para padres e seminaristas, são também lugares privilegiados para o convite sacerdotal.

Todas as técnicas e instrumentos utilizados na propaganda vocacional, como vimos até agora, são mais do que suficientes, para criar uma condição favorável ao despertar de vocações, e muitos se sentirão estimulados a responder positivamente ao chamado para exercer uma função tão nobre e exaltada aos olhos de todos, e, além do mais, parte constitutiva da própria sociedade, figura indispensável.

Momento especial para fazer germinar e frutificar uma vocação sacerdotal é a festa da ordenação e primeira missa de algum neo-sacerdote: é um momento de efervescência religiosa. A grandiosidade das festas de ordenação sacerdotal serve como instrumento de promoção vocacional, principalmente, enquanto reforça a idéia de que o padre ocupa um lugar central na vida de um grupo local, e na igreja universal. Vem o bispo, vêm muitos padres e outros escolhidos, os seminaristas; a cidadezinha se transforma, o acontecimento é histórico, a alegria será geral, a chuva de graças transbordará... Faixas pela cidade dão as boas-vindas a todos e interpelam os garotos e suas famílias:

Bem-vindo Senhor Bispo. A maior recompensa que Deus pode dar a uma família é um FILHO SACERDOTE. Vem, e segue-me! Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho! Enviai, Senhor, Operários à Messe! Deus abençoe a família que nos deu um padre!

Por toda a parte se pode ler e ouvir estas frases. Tudo muito romântico para quem vai, no dia-a-dia, enfrentar a monotonia dos problemas cotidianos de uma paróquia ou agüentar as chatices de um vigário, as exigências daquelas senhoras que o povo chama de beatas ou ser professor de boas-maneiras no seminário! Mas a festa é grandiosa! O povo aguarda na entrada da cidade ou reunido na praça. O bispo e cortejo chegam, acompanhados do eleito, os sinos tocam festivamente, seu som alegre se mistura ao barulho do foguetório, a banda irrompe uma marcha religiosa triunfante: *levantai-vos soldados de Cristo, sus correi, sus voai à vitória!* Chega-se ao clímax da efervescência religiosa, a fé se fortalece, a emoção é única, as lágrimas rolam... é o grande dia: algo de divino está para acontecer. De cabeça erguida, triunfante, o escolhido e sua família sobem os degraus da igreja. Padres e seminaristas, diante de tal efervescência, fortalecem sua vocação e renovam seus propósitos. No coração do garotinho, que era coroinha, começa a surgir, confusamente, o desejo de um dia estar no centro da festa. No dia da ordenação, o ator mais importante ainda é o bispo, mas, na primeira missa, o neo-sacerdote reinará sozinho, o centro das atenções. Para isso, nos últimos anos da teologia, ele se preocupou muito com as vestes, a casula, a estola, os enfeites, os símbolos, as rendas, o cálice etc... Chegou o momento glorioso! Toda a festa anterior se repete e ele agora está no centro do cortejo. Vivas, cantos, alegria: é a primeira missa solene. O incenso torna tudo mais sagrado,

respira-se um ar de graça. Ele agora é o “outro Cristo”, que prega o evangelho, perdoa, reconcilia, abençoa, e diz *tomai e comei, isto é o meu corpo!* Ao findar a cerimônia, antes da festa de confraternização, o beija-mão. Suas mãos foram ungidadas, são sagradas. Dos mais humildes serviçais, até as autoridades locais vêm beijar suas mãos e pedir sua primeira bênção de padre. O clima de festa e exaltação continua, com missas solenes e festas em outras comunidades vizinhas, lugares onde ele trabalhou como seminarista ou nos seminários onde estudou.

Não podemos nos esquecer que quem ajuda a organizar toda essa festa são as instituições de promoção vocacional, que também colaboram muito para a eficácia da propaganda vocacional. Em destaque, congregando todo o trabalho vocacional na igreja, estão a Obra das vocações sacerdotais (OVS), O Serra clube e as Equipes de pastoral vocacional. São homens ou mulheres, agentes de pastoral que se encarregam juntamente com o clero do trabalho de despertar a vocação e sustentar financeira e ideologicamente os candidatos ao sacerdócio. Apóiam, exaltam os seminaristas, fazem visitas ao seminário, campanhas para sua sustentação, rezam, incentivam e... vigiam, controlam os vocacionados. A idéia de sacerdócio que eles têm, inculcada, é claro, pelos próprios padres, é sublime, gloriosa. Uma antiga militante dessa Obra enviou para o seu vigário no dia do padre, na década de 80 estes poemas:

O SACERDOTE,

É um homem revestido de todas as aparências humanas,
é um homem que reveste toda a realidade divina.
Não sendo médico, cura as mais graves enfermidades;
Não sendo juiz, julga e absolve os mais nefandos crimes;
Não sendo engenheiro, traça os mais acertados roteiros;
Não sendo arquiteto, edifica os mais estáveis monumentos;
Não sendo militar, enfrenta as mais renhidas batalhas;
Não sendo marujo, dirige o maior barco do mundo;
Não sendo piloto, eleva as almas às alturas inacessíveis ...
Mesmo pobre, abre a seus irmãos, tesouros imperecíveis;
Mesmo desprovido de dotes intelectuais, com eles distribui Sabedoria e
Ciência eterna;
Mesmo pecador, tem na alma, um caráter de incomparável nobreza;
Quando sai à rua, não ouvirás batedores anunciarem sua passagem;
Mas se cruzares em seu caminho, inclina-te com respeito e unção;
Malgrado as aparências que de um pecador possa ter,
reverencie nele o “OUTRO CRISTO” que na realidade ELE É.

O SACERDOTE NO ALTAR

Neste mundo de mágoas e de dores
Deus alguém fez aos anjos superior,
Alguém que põe nas mãos esplendores,
Alguém que volta a paz ao pecador.
Esse alguém cuja vida é dissabores,
Que sobre espinhos vai sorrindo a dor,
Que faz de abrolhos, outras tantas flores,
É o ministro de Deus Nosso Senhor.
Só ele tem a divinal ventura,
De levantar com sua mão tão pura,
A hóstia Santa para o azul do além ! ...
E é nesse instante que, a chorar sorrindo,
Os anjos cercam Jesus, pedindo,
Para haver Missas lá no céu também !

A imagem do padre transcende as vãs realidades humanas, supera os anjos e se iguala a Deus. Essa imagem está gravada nas almas beatas, imagem criada pelos próprios padres, no decorrer dos séculos, inculcada aos seminaristas e assim reproduzida, de geração em geração. No ideário do SERRA CLUBE, o padre é uma figura social indispensável à manutenção da ordem social:

Cada novo sacerdote atrai os olhares benévolos de Jesus sobre a sociedade.
Cada novo sacerdote é para sociedade um penhor de graças e bênçãos.
Pelo seu sacerdócio, cada sacerdote é um pára-raios para seu País.
Cada novo sacerdote é destinado a levantar o nível moral e espiritual dos seus compatriotas.
Cada novo sacerdote é um cidadão observante das leis, GUARDA DA ORDEM e amigo da concórdia.
Por estado, o sacerdote é um homem de bom conselho, pacífico, guarda da disciplina e dos bons costumes, consolador dos infelizes, protetor dos fracos, amigo de todos. Tais cidadãos são tesouros numa sociedade. São uma força de que é sábio saber servir-se, e força tanto mais preciosa quanto mais se faz sentir nos nossos dias, a necessidade deles. Rezemos e trabalhem para obter santos Sacerdotes para a igreja e para a Sociedade ¹⁷

A igreja, por meio de suas equipes vocacionais, para se criar um consenso religioso favorável ao despertar e à perseverança das vocações, usa as mais diversas

técnicas: semana ou mês vocacional, encontros para apresentar os diversos tipos de vocações religiosas dentro da igreja, incentivo à oração e aos sacrifícios pelas vocações. Todas essas técnicas utilizadas promovem um clima favorável, um terreno fértil, na linguagem da igreja, para o despertar e a perseverança da vocação sacerdotal ou religiosa. Mas não se atinge todos os garotos indiscriminadamente. Há alguns meios sócio-culturais que correspondem melhor a esses apelos e outros são resistentes. Afinal, quem são esses eleitos, de onde vêm e por que alguns estão mais disponíveis à sedução do que outros? Para a igreja, a explicação está na fé e na prática religiosa da família e no coração do vocacionado que sabe corresponder à Graça de Deus. Mas nós queremos uma explicação sociológica para esse fenômeno.

Conhecer a origem social dos membros de um determinado grupo ou dos quadros de uma instituição, é importante por várias razões. Primeiro, porque as informações podem revelar mudanças efetivas no interior de uma dada organização, num determinado período ou ao longo de diferentes períodos históricos. Além disso, a composição social por origem, supostamente, pode mudar com as mudanças na estrutura produtiva do país, o que afeta a qualidade de seus membros. Os dados sobre a origem sócio-cultural *“oferecem uma boa medida do raio de influência e prestígio da organização, do seu grande enraizamento no tecido social de um determinado país ou região, da sua força social (e política), além de nos falar do maior ou menor grau de democratização do acesso aos postos, dos critérios de seleção e recrutamento de quadros”*.¹⁸

Embora tendo tudo isso presente, o que mais nos importa, é que as informações sobre a origem dos membros de um aparelho burocrático (como a igreja ou as Forças Armadas), em um país, permitem certos esclarecimentos valiosos acerca das predisposições, atitudes e impulsos dos seus membros, os quais interferem de algum modo em suas representações e idealizações, nos sistemas de classificação e promoção, nas clivagens ideológicas e disputas internas da corporação, na maior ou menor coesão do seu *“esprit de corps”*, e assim por diante.¹⁹

Fazendo um sobrevôo pela história no Brasil, Pierucci chega à conclusão de que a origem do clero brasileiro foi bastante diversificada: desde os *“filhos padres”* das grandes e fidalgas famílias de proprietários de terras e escravos, passando pelos filhos dos *“moradores pobres”*, filhos de artesãos, os provenientes da *“classes das artes mecânicas”* mais os *“soldados da tropa paga”*, filhos de mulatos, até os órfãos portugueses acolhidos pelo padre Manoel da Nóbrega em 1550.

Thales de Azevedo julga muito importante o conhecimento da procedência sócio-geográfica dos seminaristas. Para ele, os candidatos ao sacerdócio, já nos tempos coloniais, procediam do interior do país, melhor preservado da secularização experimentada nos núcleos urbanos. Mesmo assim, muitos vinham dos longínquos sertões a *“tomar ordens”* e acabavam se *“perdendo”* nas cidades, onde o vício era mais fácil.

Para ele é fato conhecido e verificado empiricamente, que pelo menos um terço ou mais do total das vocações procede de famílias modestas e muito menos dos meios urbanos e das classes altas, meios em que outras carreiras seriam mais aliciantes por seu prestígio e suas compensações materiais. Segundo ele, isso se pode explicar pela piedade existente no meio da família rural, o desejo de segurança e ascensão social, o ensino barato ou gratuito oferecido pelos seminários por meio de bolsas mantidas por católicos de recursos ou pela Obra das Vocações Sacerdotais. Azevedo conclui que os dados relativos a regiões de imigração européia do sul do país sugerem uma diferença de atitude entre as famílias de origem estrangeira. Citando um trabalho do CERIS, diz que nos grupos de italianos, poloneses e alemães, existe, dentro da família um maior estímulo pela promoção de vocações do que dentro do grupo brasileiro. Os europeus dão ainda um prestígio maior e um status social mais elevado ao padre e ao estudante do seminário, do que os brasileiros.²⁰

Pesquisas feitas pelo setor de vocações sacerdotais da igreja católica, na década de 1980, revelavam que 56,5% dos seminaristas tinham origem rural, 16,8% do comércio, 16,6% dos serviços e 10,1% provinham de famílias ligadas à produção industrial. O vocacionado vem sobretudo do meio rural, das cidadezinhas do interior, de mentalidade bem rural, e de famílias pobres. A maioria dos vocacionados, recebeu o chamado no seio de uma família religiosa, católica praticante, ainda na infância, por meio do convite do seu padre vigário ou por sugestão de sua mãe.

Na pesquisa que realizei numa diocese do interior do Estado de São Paulo, no início da década de 1990, num total de 46 entrevistados, 52% era de origem rural, cujos pais eram principalmente pequenos proprietários ou colonos. Os restantes 48% tinham origem urbana de pequenas cidades com menos de 50 mil habitantes, eram filhos de funcionários públicos mais humildes, comerciantes e operários. As mães, na quase totalidade, eram domésticas. O nível de educação escolar dos pais era muito baixo, considerando-se o grau de escolaridade a que seriam elevados os futuros sacerdotes.

A mesma pesquisa mostrou que, quanto à idade de entrada no seminário, dos 46 entrevistados, 28 entraram para o seminário entre os 10 e 12 anos, muito precocemente, portanto: 9 entraram entre os 13 e 15 anos de idade e os restantes 9, com mais de 16 anos. Esses garotos, internados desde a mais tenra idade no seminário, estarão mais disponíveis para o processo de socialização ou de condicionamento.

Para saber quem são os eleitos, é fundamental, por fim, o estudo do meio familiar de origem, quanto à religiosidade, à moral e aos costumes. Os seminaristas, na sua quase totalidade, vieram de um meio onde se valoriza o trabalho duro. *“Meus pais eram pobres, porém honestos”. “Meus pais eram gente simples, mas com muita*

dignidade”. “A gente sempre deu duro em casa. Meus pais levavam a vida muito sacrificada para criar os filhos. Eles levavam a gente ali, no cortado!” “Meus pais respeitavam a igreja, os padres e faziam a gente respeitar”. Isso está presente em quase todas as entrevistas. Dignidade, para a maioria das famílias dos seminaristas era sinônimo de honestidade, honra, perseverança, sobriedade, frugalidade, bom senso. É nessas virtudes que os seminaristas e padres se reconhecem. Para muitos, a vocação sacerdotal surgiu num ambiente de sobriedade e austeridade, de pobreza e às vezes até de carência, num clima de união familiar sustentada pela autoridade patriarcal, onde o rigor é a regra de conduta. Para muitos seminaristas, toda essa pobreza que trazia dificuldades de sobrevivência, aliada à rigidez de costumes familiares, pautados no primeiro catecismo da doutrina cristã, sob o signo do medo e do castigo de Deus e do Inferno, a ida para o seminário menor aos 10-11 anos de idade, pode ter significado um ato de libertação, melhoria de vida ou, pelo menos, tornou mais fácil suportar e aceitar o processo de condicionamento.

Uma vez tendo certeza de ser um vocacionado, um outro constrangimento vai atingir o menino muito cedo: a obrigatoriedade de seguir a vocação. O peso dessa obrigação para garotos oriundos de famílias piedosas, tementes a Deus e com medo do inferno fica muito claro no texto a seguir:

Deus determina para cada homem um estado de vida e fixa uma única via para encaminhá-lo à meta da salvação eterna. Com uma graça que nós denominamos vocação, Ele chama cada um ao caminho que Lhe foi decretado e nele o faz encontrar auxílios abundantes e eficazes, por meio dos quais superará facilmente todos os obstáculos, vencerá todas as dificuldades, salvar-se-á e se santificará. Infeliz, ao contrário, quem não seguir o chamamento divino e escolher o estado diverso daquele que o Céu Lhe assinalou; por toda a vida se achará fora do caminho, em condições não desejadas por Deus, o qual, por isso, Lhe negará as Suas bênçãos e as graças eficazes para a sua salvação. Quem não corresponde à vocação priva-se dessas graças, dificilmente resistirá às tentações e, por isso, incorrerá na condenação eterna.²¹

A partir desse raciocínio, ameaçavam-se os garotos, contando histórias de seminaristas que abandonaram a vocação e morreram em desastres, foram fulminados por um raio ou viveram no vício, na doença e na miséria ou ainda, se suicidaram. Na década de 1990, esse raciocínio ainda está muito vivo, principalmente no que se refere a padres que abandonaram o ministério. Num retiro espiritual do clero da diocese pesquisada foi protagonizada uma sessão de terror, numa palestra que fazia o bispo pregador, sobre as desgraças que atingiram ex-padres. Pareciam cenas apocalípticas onde, enfileirados, caminhavam eles, inexoravelmente, para o holocausto final de

degradados bêbados, traídos, chifrudos, infelizes no amor, com filhos deficientes, miseráveis, loucos e ... suicidas! Em 1993, um padre relativamente jovem, disse em sermão, que *“os que abandonaram o sacerdócio já estão condenados ao inferno...”* Uma mãe de padre casado que estava presente, carregou enorme angústia e sofrimento pelo seu filho até que, dois anos depois, um padre missionário lhe dissesse, em confissão, que *“aquilo era bobagem, que cada um devia seguir o seu caminho, que Deus era bom etc...”* Pedi, então a um padre casado, que me desse, por escrito, um testemunho sobre esse lamentável episódio. Suas palavras foram:

Eu, pessoalmente, não diria apenas que o padre havia dito bobagem. Eu diria àquela pobre mãe que as ameaças só poderiam ser fruto da insanidade de quem talvez não tenha tido coragem de resolver a própria vida e, infeliz, desajustado, estaria querendo ver os outros infelizes também, para se sentir bem. Isso é fruto de uma teologia inconsistente, de uma moral caquética e, é claro, de pouca inteligência. Esse pessoal que fez teologia pelas ramas, ficou badalando quando deveria estudar, depois fica aí repetindo chavões e textos avulsos que aprendeu nesses movimentos da moda que pregam mais a palavra do diabo, das ameaças, do inferno, que a palavra de Deus. É também uma forma de poder que ele acha que tem, de ficar amedrontando os outros. É um coitado, é...

Confirma essa tese da obrigatoriedade de seguir a vocação, o seguinte trecho extraído do livrinho das Constituições da Sociedade de São Francisco de Salles, Salesianos, editado em 1952, em São Paulo e encontrado ainda em mãos de seminaristas nas décadas seguintes:

Deus misericordioso, infinitamente rico de graças, estabelece um caminho para cada homem que nasce; seguindo-o, é-lhe fácil conseguir a salvação eterna. Quem põe os pés nessa estrada, e segue sempre por ela, cumpre sem grande esforço a vontade de Deus e encontra a Paz. Diversamente, correria grave risco de não ter depois as graças necessárias para salvar-se ... e se queremos garantir a nossa salvação, é indispensável que procuremos seguir o chamamento divino, porque então, teremos de Deus auxílios especiais para nos podermos salvar.

Pelas entrevistas que fizemos, sobretudo entre os ex-seminaristas e ex-padres ou em obras escritas por eles, encontramos muitas expressões, confirmando a tese acima, que podemos resumir assim:

A gente ia para o seminário iludido pelo desejo de imitar o nosso ídolo de infância, o vigário, incentivado pelos pais, atraído pelos colegas ou pela vida que parecia ser feliz lá dentro, com futebol, piscina etc... Éramos muito crianças para saber o que significaria ser padre, salvar almas, renunciar isso, aquilo,

mas logo éramos tratados como mini-padres, com todas as obrigações inerentes ao estado clerical, isolados do mundo, vivendo uma espiritualidade adulta, com responsabilidades acima de nossas forças infantis e, sobretudo, éramos convencidos, amedrontados e até ameaçados se quiséssemos “abandonar” o seminário. Diziam sempre que estávamos ali por livre e espontânea vontade, que as portas estariam abertas para quem quisesse ir embora, mas, ao mesmo tempo, nos acorrentavam por dentro, tirando toda possibilidade de opção.

Como palavra de máxima autoridade, a bíblia era lida pelos artigos que reforçavam esta idéia:

- *Ai daqueles que têm saudade das cebolas do Egito!*²²
- *Aquele que põe a mão no arado e olha para trás não é digno de mim, dizia Jesus (Lucas 9,22)*
- *Porque vos chamei, e recusastes ... rir-me-ei da vossa desgraça, zombarei quando vos chegar o espanto. (Provérbios 1,24.26).*

Tudo isso está bem gravado e vivo no peito daqueles que abandonaram o caminho, alguns carregando tremendos escrupulos e medos até o fim da vida. De vez em quando isso ainda é reforçado nas pregações: numa cerimônia de jubileu de ouro de ordenação sacerdotal um bispo comparou os padres casados a ipês que perderam suas flores. Depois da missa recebeu resposta dura de um padre casado.

Se tudo ainda não servisse para convencer à perseverança, restava ainda um recurso: como ninguém poderia ser juiz em sua própria causa, não se podia decidir sozinho a própria sorte, nem com a ajuda de colegas, afinal “*um cego guiando outro cego, cairão ambos no buraco*”, havia uma pessoa especializada e institucionalmente encarregada de resolver tais questões, com uma “graça de estado” própria, para descobrir se o seminarista tinha ou não os sinais da vocação: o diretor espiritual. O garoto em dúvida ou decidido a sair ia procurar o diretor espiritual que geralmente o aconselharia prudentemente a esperar mais. Vejamos este testemunho de um ex-padre:

A primeira vez que pensei em sair aconteceu a três anos da Ordenação. Foi um retiro violento. Falei com o Diretor Espiritual e ele me convenceu a ficar. Num outro retiro eu resolvi novamente que devia sair. Não saí, porque fiquei pressionado pela família. Por outro lado, o Diretor Espiritual me convenceu de que tudo isso passaria, seria sepultado, porque ele também tivera dificuldades. Isso tudo foi criando em mim um drama, até tornar-me terrivelmente escrupuloso. Chegava a confessar-me duas vezes por dia.²³

Segundo Cabras, há ainda uma terceira forma de pressão psicológica, indireta, que é o silêncio no seminário a respeito de outras opções de vida. Não se mostravam outros tipos de vida, além do sacerdócio, na sua forma celibatária. Parece até que aqueles garotinhos de 10-11 anos de idade, já tinham feito uma opção de vida ao entrarem para o seminário. As profissões sempre foram mostradas simplesmente como meios que o homem comum tem para ganhar a vida ou ganhar dinheiro e se fazia silêncio sobre o matrimônio, ou então, quando se falava de união do homem e da mulher era de maneira pejorativa. Lembro-me aqui, quando um colega me contou que fora proibida a celebração do sacramento do matrimônio na capela do seminário, para não entusiasmar os seminaristas. Era difícil licença até para assistir ao casamento da própria irmã.

Toda essa prática contradiz, portanto, o discurso religioso sobre a vocação, enquanto “chamado de deus e livre resposta do homem”. Diríamos aqui, provisoriamente, para finalizar, em contraposição ao discurso religioso, que o garoto que vai para o seminário é pescado no encontro das águas: de um lado, as investidas da igreja na propaganda vocacional; de outro, uma família já seduzida pela igreja e maravilhada com a grandeza do sacerdócio; por fim, os setores sociais, meio pobre, rural, imigrante, dispostos a fornecer braços para o clero. E, no lugar da liberdade, a obrigatoriedade de seguir em frente, até o “Sacerdos in aeternum”.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRITO, Pe. Henrique de, S.D.B. **Aspirante salesiano**. São João del Rei: Escolas Profissionais Dom Bosco, 1954.

CABRAS, Alessio. **Os anjos querem ser homens - um estudo sobre laicização de padres no Brasil** - Dissertação de Mestrado (USP). São Paulo, mimeogr., 1983.

CHOTARD, Jean-René. **Seminaristes...une espèce disparue ? - histoire et structure d'un petit séminaire, Guérande (1822-1966)**. Sherbrooke, Québec, Canada : Éditions Naaman, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1986.

FREIRE, Gilberto. **Dona sinhá e o filho padre**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

GENNEP, Arnold Van. **Os Ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. Rio de Janeiro: Ediouro, sem data.
- HERCULANO, Alexandre. **Euríco, o presbítero**. São Paulo: Dicapel, sem data.
- HOORNAERT, Eduardo. **História da igreja no Brasil, primeira época, tomo 2-Cehila**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- LAPPIN, Peter. **Domingos Sávio, a verdadeira história de um adolescente santo**. São Paulo: Editora Salesiana, 1986.
- MADURO, Otto. **Religião e luta de classes**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- ORGONOVO, Pe. Justino. **O bom seminarista em férias, manual de meditações**. Cucujães, Portugal: Editorial Missões, 1950.
- PIERUCCI, Antonio Flávio de Oliveira. **Democracia, igreja e voto - envolvimento dos padres de paróquia de São Paulo nas eleições de 1982**. - Tese de Doutorado (USP). São Paulo, mimeogr., 1984.
- QUEIROZ, Eça. **O crime do padre Amaro**. São Paulo: Lello Brasileira, 1970.
- QUILLARD, R.P., CSSR. **Aos jovens - beleza e grandeza do sacerdócio**. Porto: Livraria Machado e Ribeiro, 1950.
- QUOIST, Michel. **Poemas para rezar**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.
- REZENDE, José Severiano de. **O meu flos sanctorum**. Porto: Livraria Chardron, 1908.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano e outros. **Padres casados, depoimento e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- SKINNER, B.F. **A ciência e comportamento humano**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1967.
- SUAUD, Charles. **La vocation, conversion e reconversion des prêtres ruraux**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978.
- TOHT, Mons. Tihamer. **O brilho da mocidade**. Taubaté: Editora Sagrado Coração de Jesus, 1940.
- _____. **O moço de caráter**. Taubaté: Editora Sagrado Coração de Jesus, 1952.
- TOMELIN, Victor. **Pedagogia do silêncio, o tamanho do medo**. Campinas: Papyrus, 1986.

TREVISAN, João Silvério. **Em nome do desejo**. São Paulo: Ed. Max Limonad, 1985.

TROCHU, Francis. **O Cura d'Ars**. Petrópolis: Vozes, 1960.

ZICO, Pe. José Tobias, C.M. **Caraca, Peregrinação-cultura-turismo**. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1982.

FONTES PRIMÁRIAS DA PESQUISA

1. Regulamentos (regimento interno) dos seminários de São Carlos, Campinas, Mariana, Lavrinhas e de outros seminários.
2. Literatura básica oferecida para "leituras espirituais" no seminário, como por exemplo, "*Imitação de Cristo*", "*Filotéia*" de S.Francisco de Salles, "*Flos Sanctorum*" de J.S.Rezende, "*A selva*" de Santo Afonso Maria de Ligório, "*Na Luz Perpétua*" e outras obras.
3. Vidas de santos mais próximos aos ideais de formação sacerdotal: São João Maria Vianey (*O Cura d'Ars*), São Luiz Gonzaga, São Domingos Sávio, Santa Terezinha do Menino Jesus, São Tarcísio etc.
4. Manual de orações do seminarista menor, mundialmente distribuído aos seminários; outros livros de celebrações e cantos litúrgicos.
5. Orientações da Santa Sé, da CNBB e de Bispos sobre a vida intelectual dos seminaristas, organização dos estudos, vida comunitária etc...
6. Cadernos manuscritos onde os seminaristas faziam anotações diárias sobre os temas das meditações dirigidas, palestras e retiros.
7. Correspondências enviadas ou recebidas por seminaristas.
8. Escritos de padres formados no seminário de São Carlos.
9. Autobiografias e romances de ex-padres e ex-seminaristas.
10. Coleção de jornais-murais do seminário.
11. Revistinha mensal "*O seminário*" editada em Viamão, R.S., a partir de 1935.
12. Periódico "*RUMOS*" da associação dos ex-padres do Brasil.
13. Livro de Atas da Obra das Vocações Sacerdotais e religiosas.
14. Textos inéditos de ex-padres.

NOTAS

- ¹ O objeto de estudo deste trabalho foi um tipo específico de vocação e de seminário: trata-se da vocação despertada na infância e o ingresso no seminário menor tridentino, experiência muito comum até o Concílio Vaticano II e que perdura até o presente com menor intensidade. Embora não tenha feito um estudo sobre a vocação sacerdotal no início do século XXI pode-se dizer que hoje a igreja preocupa-se mais em recrutar jovens e adultos oriundos dos movimentos religiosos como renovação carismática, catecúmenos, focolarinos etc.
- ² Este parágrafo é uma reprodução do livro *Oswaldo, um católico integralista*, de minha autoria em parceria com Jéferson Rodrigo Tagliavini Savignado, publicado em 2005, em São Carlos, por Pedro & João Editores.
- ³ Essa explicação de sociologia das religiões é baseada no 1º capítulo do livro *Religião e luta de classes* de Otto MADURO.
- ⁴ Nesse sentido, o crente que nasce no Irã hoje tem todas as possibilidades de dar uma explicação islâmica para o mundo, ao passo que o garotinho que nasceu numa família de imigrantes católicos no sul do Brasil, com toda certeza, será representante de uma cosmovisão cristã-católica.
- ⁵ Otto MADURO, *Religião e luta de classes*, 45.
- ⁶ Por se tratar de uma ciência social cujo objeto de estudo é a religião, acreditamos que a objetividade e a neutralidade axiológica sejam mais um esforço metodológico do cientista do que uma realidade completa, absoluta. Embora ele possa estar envolvido até emocionalmente pelos fenômenos que estuda, seu esforço é o de “estranhamento” em relação ao objeto na tentativa de se aproximar da objetividade e da neutralidade. Juntamente com Weber achamos que a neutralidade e objetividade nas ciências sociais estão ligadas mais à honestidade do pesquisador que se apresenta, falando de sua origem, suas escolas, seu meio sócio-cultural e de suas escolhas (qual o aspecto privilegiado no seu discurso) para que o leitor possa captar com clareza seu ponto de vista, inclusive seus juízos de valor.
- ⁷ Talvez os leitores eclesiais concluam apressadamente que o autor esteja trabalhando sua autobiografia e costurando desculpas para seu “fracasso institucional”. Talvez seja mais ou menos isso... Mas, deixemos para os psicólogos analisarem essa questão. E as “razões teológicas” do discurso religioso, não são elas também tentativas de explicação da opção dos bens sucedidos institucionalmente?
- ⁸ Além das entrevistas formais a que nos referimos acima, fizemos muitíssimos contatos informais com pessoas que passaram pelo processo de socialização no seminário. Muitos dados foram colhidos nessas conversas.
- ⁹ Isso não significa que haja ausência total do emotivo. Não é possível prescindir de modo absoluto das emoções num trabalho desse tipo.
- ¹⁰ A igreja, que arroga o direito de monopólio sobre a aceitação ou recusa dos vocacionados ao sacerdócio, pode barrar, por simples preconceito, muitas vocações, como é o caso, ainda hoje, das mulheres e em outras épocas, negros, índios ou judeus.
- ¹¹ O *Padre Amaro* de Eça de Queiróz, Eugênio em “*O Seminarista*” de Bernardo Guimarães ou o José Maria de “*Dona sinhá e o filho padre*” de Gilberto Freire, são personagens da literatura portuguesa e brasileira que bem retratam esta prática bem difundida de esco-

lher a vocação do filho, por busca de status para a família ou simples promessa. Quantas angústias, num compromisso sem retorno, por uma escolha que não fizeram, é o que sentimos nas páginas desses romances.

- ¹² Documentário Vocacional: Dia Nacional das Vocações Sacerdotais - Secretariado Nacional das Vocações Sacerdotais da CNBB, S.P. 1960, p.97-102
- ¹³ in Charles SUAUD, *La Vocation*, 73
- ¹⁴ BELLOUARD. *La sacerdoce des fils dans de coeur des mères*, Paris, s.d. (1945) in Jean-René CHOTARD, *Seminaristes...une espèce disparue ?*, 92
- ¹⁵ “O que fazia maior orgulho às famílias e lhes dava socialmente mais brilho, era ter filhos nas ordens religiosas, como missionários, cumprindo uma missão indispensável à expansão do IMPÉRIO. Como era a possibilidade de lhes proporcionar a educação superior da época, dada nos conventos, com o que ganhavam condições para destacar-se na oratória sacra, no ensino, na política, na vida intelectual e até na vida mundana”. Thales de Azevedo, *Causas históricas e sociais da falta de Padres no Brasil*, 1972, datilografado. Assim foi no Império, assim parece continuar sendo hoje, para os garotos de classes empobrecidas, e sem muita chance na vida.
- ¹⁶ Seminarista, 11 anos de idade, 5^a do 1^o grau.
- ¹⁷ Boletim do Serra Clube de Garça, setembro de 1972.
- ¹⁸ Flavio PIERUCCI, *Democracia, igreja e Voto*, 61.
- ¹⁹ Flavio PIERUCCI, *Democracia, igreja e Voto*, 02
- ²⁰ Thales AZEVEDO, *Causas históricas e sociais da falta de Padres no Brasil*, 6.
- ²¹ Alessio CABRAS, *Os anjos querem ser homens*, 84
- ²² Referindo-se ao Povo de Deus no Antigo Testamento que se revoltara contra Moisés, diante das dificuldades da vida no deserto, em busca da Terra Prometida e que tinha saudades dos tempos do Egito, onde era escravo, mas tinha o que comer. Ou seja, saudades do que se deixou para trás.
- ²³ Victor TOMELIN, *Pedagogia do Silêncio: O tamanho do medo*, 55.